

## AS CANETAS CORRETORAS E O JORNALISMO EM TEMPOS DE REDES SOCIAIS

### *THE CORRECTOR'S PENS AND JOURNALISM IN A SOCIAL MEDIA AGE*

Edson DALMONTE<sup>1</sup>; Caio Cardoso de QUEIROZ<sup>2</sup>

**Resumo:** A circulação de produções de páginas que questionam e buscam reescrever os conteúdos jornalísticos tem sido uma forma comum de contestação dos sentidos informativos em redes sociais. A partir da atuação das páginas Caneta Desmanipuladora e Desesquerdizadora como fenômeno atual das redes sociais, buscamos compreender as estratégias envolvidas nas disputas que tais páginas engendram com os demais veículos de imprensa. Compreendemos tais ocorrências por meio das noções de Paratexto e da percepção de mídia hostil e, por meio de uma análise das publicações das páginas ao longo dos primeiros oito meses de 2017 buscamos compreender como estes espaços tentam se consolidar como arenas de crítica jornalística. Os diferentes exercícios dessas críticas jornalísticas nas duas páginas ensejam questões sobre orientações políticas e suas relações com aspectos de normatividade profissional.

**Palavras-chave:** Jornalismo; Paratexto; Mídia Hostil; Caneta Desmanipuladora; Caneta Desesquerdizadora.

**Abstract:** *The circulation of questioning pages who seek to re-write the journalistic contents has been a common way of challenging the informative meanings in social network sites. From the acting of two pages – Caneta Desmanipuladora and Caneta Desesquerdizadora – as current phenomena in social media, we seek to understand the strategies involved with the disputes that those pages engender with others press vehicles. We understand that occurrences through the notions of Paratext and the Hostile Media Perception (HMP) and, by a content analysis of the pages' posts on Facebook over eight months in 2017 we try to comprehend how these spaces establish themselves as arenas of journalism critics. The different exercises of that activity on both pages give rise to issues about political orientations and its relationships with professional normativity on journalism.*

**Keywords:** *Journalism, Paratext, Hostile Media Perception, Caneta Desmanipuladora, Caneta Desesquerdizadora.*

<sup>1</sup> Professor do Depto de Comunicação Social da UFBA e da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. E-mail: edsondalmonte@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutorando - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. E-mail: caiocardosode@gmail.com.

## Introdução

A dinâmica de circulação de informações em redes sociais evidencia aspectos do uso e das formas de apropriações de conteúdos, englobando tanto produções de entretenimento quanto produtos noticiosos. O compartilhamento de leituras e críticas específicas entre usuários de diversas redes integra o próprio processo de circulação das informações, de modo que não apenas as produções “originais” sejam disponibilizadas, mas também interpretações acerca deste conteúdo.

Neste tipo de cenário é criada em maio de 2016 a página “Caneta Desmanipuladora”, com a proposta de publicar uma espécie de correção (“desmanipulação”) das informações em circulação. Sua prática é caracterizada principalmente pela marcação e substituição dos textos publicados pelos jornais por termos, palavras e expressões alternativas, capazes de gerar juízos diferentes daqueles propostos pelos veículos. Desta forma, a agência “da caneta” sobre o jornal buscava desvelar o que teria sido deliberadamente disfarçado nos textos. Esta prática dos jornais, segundo a página, tem a função de apoiar causas defendidas pelo recém empossado governo interino de Michel Temer, iniciado com o afastamento de Dilma Rousseff pela Câmara Federal.

A ação destes leitores dos jornais, portanto, partia da percepção do alinhamento dos grandes jornais com as propostas do governo Temer e buscava apontar algo não evidente nos textos, especialmente na elaboração das manchetes. Com práticas semelhantes, em julho de 2016, foi criada a “Caneta Desesquerdizadora” que, ao contrário da primeira, percebe na grande imprensa brasileira um viés consistente de posições à esquerda no espectro político partidário. Esta página acabou superando a rival, alcançando mais do que o dobro de seguidores usando a mesma prática, impondo rasuras por sobre o texto original e propondo a readequação do texto.

As duas páginas são as maiores de uma prática frequente, porém difusa, no consumo de notícias online atual: os comentários críticos que buscam expor sentidos tácitos no texto jornalístico da grande imprensa, ou posicionamentos ideológicos. Também com orientações políticas conservadoras foram criadas outras páginas, como a “Caneta Desislamizadora<sup>3</sup>”, a “Caneta desfeminizadora<sup>4</sup>”, a “Caneta destucanizadora<sup>5</sup>”

---

<sup>3</sup> Para denunciar posturas pró-islâmicas na imprensa brasileira.

<sup>4</sup> Para a denúncia de posturas favoráveis a leituras feministas por parte da imprensa brasileira.

e a “Caneta Desesquerdizadora da Saúde<sup>6</sup>”. Em todas elas, a prática comum é a reescrita sobre o texto jornalístico com o caráter de denúncia, de apontar relações não transparentes da imprensa com setores específicos, seja nos campos político, econômico, social ou cultural.

Estas páginas apresentam uma “adequação” textual do jornalismo aos padrões morais dos corretores/leitores. Os textos originais são marcados e termos específicos são substituídos de forma a apresentar uma visão diferente da original. A proposta, na maioria das vezes, é circular formas de contestação da produção de tais veículos e, ao mesmo tempo, expor as preferências político-partidárias de tais órgãos, posicionamento geralmente negado pelas empresas. Esse prolongamento da produção jornalística por meio de interferências textuais ensejam considerações a respeito dos elementos paratextuais em questão e suas formas de circulação.

O fenômeno que analisamos aqui, portanto, tem duas características centrais: a primeira é a intenção de edição, de correção do conteúdo textual jornalístico, capaz de expor tais posicionamentos percebidos. Seria, portanto, um passo além que, constituindo uma esfera paratextual, questiona os jornais em seus valores e posicionamentos políticos, éticos e culturais segundo a percepção dos usuários. As canetas permitem visualizar, desta forma, uma disputa clara pela forma de narrar as notícias, buscando legitimar suas posições e deslegitimar posicionamentos alheios.

A segunda característica relevante é a percepção de que os veículos de imprensa privilegiam posicionamentos contrários a determinados grupos de interesse (a esquerda, a direita, aos anti-islâmicos, aos anti-feministas, por-exemplo). Nos estudos de *media effects* a abordagem da chamada percepção de mídia hostil (*hostile media perception - HMP*) aponta para a percepção que determinados grupos de interesse têm das coberturas de imprensa. O que se nota é uma constante sensação de que os mesmos produtos jornalísticos favorecem o lado contrário ao dos indivíduos consultados.

Não se trata, no entanto, de um estudo para a constatação ou não das percepções de mídia hostil nas produções deste tipo de página, mas compreender que a própria prática de correção ou reescrita denota uma agência (hostil ou não) dos usuários sobre a

---

<sup>5</sup> Criada e gerida por grupos de apoio ao deputado conservador Jair Bolsonaro, faz uma crítica ao envolvimento pró-PSDB da grande imprensa brasileira.

<sup>6</sup> A menor das páginas destacadas busca denunciar a abordagem pró-esquerdista da imprensa sobre o setor da saúde.

imprensa. Temos, assim, que a ação desses grupos sobre o conteúdo jornalístico permite tomar os princípios da HMP como pressupostos. O que buscamos avaliar, por meio de nossa observação, avança deste ponto em direção a uma disputa pela reorientação do conteúdo em contextos de polarizações discursivas.

Para avaliar este fenômeno em profundidade, selecionamos as 787 publicações ao longo dos oito primeiros meses de 2017 nas duas maiores páginas (as Canetas “Desesquerdizadora” e “Desmanipuladora”) para observar tais práticas e avaliar como essas percepções de hostilidade da mídia são trabalhadas em cada uma das páginas. Desta forma, buscamos compreender as conformações principais deste fenômeno de participação dos usuários nos processos de circulação de informação jornalística.

### **O paratexto no jornalismo**

Lev Manovich (2013) aponta que estamos vivenciando uma alteração dos processos de comunicação de massa e suas formas de circulação. Uma movimentação constante dos conteúdos entre os diversos sites e plataformas traz o potencial de uma circulação que sobrepõe, ao conteúdo inicial (massivo ou não), uma série de comentários. Tais comentários podem ser tanto positivos, num sentido de compartilhamento e reforço das mensagens, quanto negativos, contestando ou redirecionando o sentido da produção original.

Para avaliar as práticas das canetas corretoras do jornalismo, é preciso discutir a recirculação de conteúdos a partir da transtextualidade, proposta por Gérard Genette (1982; 1987) por meio do conceito de paratexto. A concepção original do termo se volta para obras literárias e para a tradição do livro impresso, sendo compreendido como um fenômeno dos modos de existência das textualidades, o que nos permite tomar sentidos mais amplos do que aquela inicial, como apontado por Dalmonte (2009; 2014).

A palavra paratexto é composta a partir da modificação da palavra texto pelo prefixo de origem grega *para* (BAILLY, 1901, p. 651). Desta forma, o prefixo denota algo que se coloca perto de; que recebe ou apanha qualquer coisa das mãos de alguém. Ele pode ser usado para exprimir ideia de tempo, de duração, remetendo a algo que acontece em paralelo a outra coisa. O termo paratexto, portanto, aponta para uma organização textual que se coloca ao lado de outra, com a qual mantém uma relação direta de continuidade, não de dependência (DALMONTE, 2009, p.115; DALMONTE 2014, p.6).

Nesta relação, Genette (1987) indica que os elementos paratextuais envolvem e prolongam seus textos originários. Os textos são ampliados por elementos pré-textuais, que cumprem a função de o anunciar, e os pós-textuais, bem como por uma ampla teia de comentários que o passam a compor (DALMONTE, 2014). Essa ação de prolongamento, portanto, decorre da capacidade de e, sobretudo, de tornar presente "por assegurar sua presença no mundo, sua 'recepção' e seu consumo" (GENETTE, 1987, p.07)

Ao pôr em contato esferas que estão dentro do texto com outras que estão fora dele, como o discurso sobre o texto, o paratexto se constitui como um umbral. Para Genette (1987, p.08), esta referência não remete apenas a uma zona de transição entre textualidades, mas, “sobretudo, a uma zona de transação enquanto local privilegiado para estratégias, visando a uma ação sobre o público, com o intuito de melhorar a acolhida do texto” (DALMONTE, 2014, p. 105).

A atualização da obra será fruto de uma movimentação social intensa em torno do produto. A constituição do paratexto, assim, se dará a partir de elementos advindos de um conjunto de práticas e discursos diversos, numa confluência para a formação de sentido daquela obra num contexto amplo. Desta forma, a obra original traz suas marcas e ainda recebe diversas outras inscrições no processo de apropriação que os usuários fazem dela. A essa sobreposição de textualidades Genette (1982, p.08) chama palimpsesto ou tipos de relações transtextuais (DALMONTE, 2014, p. 04).

Os casos em análise no presente artigo evidenciam o papel de elementos paratextuais nos processos de produção e circulação de conteúdo midiático no contexto das novas mídias. A ação dos usuários sobre o conteúdo jornalístico apresenta, neste caso, uma potencial forma de crítica e colaboração, que não se restringe a círculos de debate exclusivamente jornalísticos. As formas de circulação de conteúdo em redes sociais, como é o caso, destacam a possibilidade de tais redes funcionarem como “caixas de ressonância” (HABERMAS, 2003), ecoando questões de interesse social e habilitando múltiplas esferas argumentativas em torno do tema em debate.

Há, assim, a participação de diferentes fluxos comunicacionais no processo de circulação de conteúdo nas mídias digitais, como apontam Jenkins, Ford & Green (2013) em seu livro *A cultura da conexão*. Esta mistura de fluxos circulatórios nos meios de comunicação, pontuam os autores, se dá pela capacidade de espalhamento dos

produtos midiáticos. Cria-se um modelo híbrido, que combina forças “de cima pra baixo”, como nos fluxos convencionais, com forças “de baixo pra cima”, direção tomada por produções decorrentes de conteúdos adaptativos e participativos em circulação nas redes sociais, por exemplo. A combinação destes fluxos é necessária num cenário no qual tais conteúdos precisam circular para se manter ativos, mas podem tomar diversas formas. (DALMONTE, 2014, p. 11)

As ações de prolongamento são aquelas nas quais os usuários visam dar um tipo de reforço, à circulação do conteúdo, estendendo o raio de alcance daquela discussão à sua própria rede de contatos. Entretanto este prolongamento pode passar por um tipo de leitura específica por parte de quem se dispõe a prolongá-lo, seja no sentido de reforço e indicação de concordância com a publicação, seja no sentido de contestação e desqualificação do material em circulação (DALMONTE, 2014, p. 11). O que se estabelece, nessas situações, são os distintos fluxos comunicacionais para o acesso aos conteúdos, de modo que o elemento originário segue disponível e ao alcance do usuário.

A prática das canetas “Desmanipuladora” e “Desesquerdizadora” propiciam tal leitura, na medida em que não se propõem somente a fazer uma crítica de mídia ou uma avaliação da produção jornalística de forma geral. Ao contrário, a organização visual do material deixa evidente a produção original e estabelece diferentes diálogos e tensões com estes textos no intuito de expor não somente o seu ponto de vista, mas também a oposição entre a sua visão e aquela aparentemente defendida pelos veículos “corrigidos”. Os elementos paratextuais presentes nas publicações estabelecem tensionamentos importantes com o conteúdo originário e expressam as disputas que buscamos analisar.

Para compreender as dimensões possíveis dessas práticas de correção e o que elas podem suscitar com relação aos próprios corretores, propomos uma breve revisão sobre os estudos de percepção de mídia hostil. Estas considerações são relevantes como linha de avaliação de tais fenômenos porque situa noções importantes com relação às percepções do conteúdo midiático por grupos sociais específicos.

### **A percepção de mídia hostil**

Os fenômenos que propomos observar são configurados por uma ação dos usuários sobre a produção midiática, consistindo em uma forma de readequação do texto jornalístico seguido da circulação de tais leituras em redes sociais. Como apontam

Gomes (2016) e Gomes & Barros (2014), a sensação de que a mídia é tendenciosa parte de dois mecanismos básicos, sendo o primeiro o chamado Efeito de Terceira Pessoa (*Third Person Effect*), sugerido por W. Phillips Davidson no artigo “*The Third Person Effect in Communication*” (1983), e a percepção de enviesamento de mídia (*perception of media bias*), proposto por Richard M. Perloff no texto “*Ego-Involvement and the Third Person Effect of Televised News Coverage*”(1989).

O primeiro mecanismo é a percepção de que o conteúdo negativo de uma mensagem será capaz de exercer uma influência relevante sobre outras pessoas, embora não o faça nelas mesmas (GOMES, 2016, p. 5; QUEIROZ, 2015, p.3). A partir desta projeção, estes indivíduos aprovam que medidas sejam tomadas no sentido de prevenir essa influência e sofram de tais efeitos (DAVIDSON, 1993; GOMES, 2016, p. 5).

Neste sentido, as tomadas de ações visariam proteger as potenciais vítimas de tais efeitos nocivos advindos das mensagens midiáticas, numa espécie de “vacina”. A circulação de uma leitura alternativa, que “adequa” os conteúdos a posições não contempladas originalmente no texto busca, no nosso entendimento, a produção de um sentido outro, que inclui a “correção” textual, mas também a exposição do veículo numa contestação da sua credibilidade.

No outro mecanismo, a percepção de enviesamento da mídia, como aponta Perloff (1989, p. 238), o que se destaca é a sensação de que algumas pessoas ou grupos vejam distorções na abordagem midiática de tópicos sensíveis a elas. Desta maneira, para que esta percepção ocorra, não é necessário que o conteúdo publicado seja de fato tendencioso, mas que o assunto coberto seja considerado importante para o grupo em questão, o que já condicionaria uma visão enviesada do próprio fenômeno. Desta forma, o enviesamento da leitura do grupo condicionaria uma leitura enviesada daquilo que é veiculado pela mídia, ainda que grupos neutros ou desinteressados avaliassem tal produção enquanto neutra ou equilibrada. (GOMES 2016, pp.11-12)

Quanto mais polarizadas forem as opiniões destes grupos sobre os temas que lhes são caros e maior a coesão do grupo em torno deste tema, portanto, maior será a percepção de enviesamento do conteúdo midiático (VALLONE, ROSS, & LEPPER, 1985; PERLOFF, 1989; GINER-SOROLA & CHAIKEN, 1994; GOMES, 2016; GUNTHER, 1992). A avaliação normativa a respeito da “manipulação” de um conteúdo por parte da mídia, portanto, precisa passar pelo crivo de quem está fazendo essa

consideração. Em outras palavras, “consideramos tendenciosa a notícia que contém uma inclinação adversária do que julgamos certo do ponto de vista axiológico (isto é, relacionado aos valores) ou cognitivo” (GOMES, 2016, p. 14).

Os fenômenos em análise para o presente artigo, no entanto, extrapolam essa dimensão da percepção de hostilidade da mídia às suas posições, mas se colocam numa posição de agência comunicativa sobre tal produção jornalística, podendo ou não construir argumentos em torno de seus questionamentos. Passamos, aqui, à análise de uma ação que tem a capacidade de inserção em uma dinâmica de conversação e disputa pelos modos de produção e circulação do jornalismo. Mais do que somente anotar uma possibilidade de percepções de mídia hostil nas páginas, os argumentos levantados pelas canetas corretoras *podem* ser usados nos processos deliberativos que sustentam a legitimidade da atuação dos veículos de imprensa.

### **Coleta e análise dos dados sobre as canetas Desmanipuladora e Desesquerdizadora**

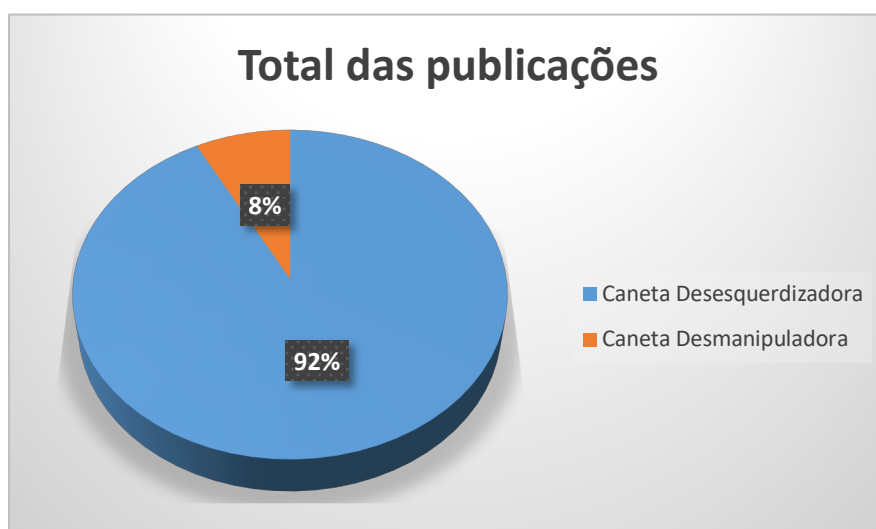
Quando da coleta dos dados, a Caneta Desesquerdizadora tinha cerca de 550 mil curtidas, mais do dobro das 249 mil da rival, mesmo tendo surgido depois, como uma nova versão de aplicação oposta às práticas da Caneta Desmanipuladora. A caracterização das duas para o Facebook também é diversa, sendo que a Caneta Desesquerdizadora se identifica como Empresa de mídia/notícias e a Caneta Desmanipuladora se enquadra em Organização Não Governamental (ONG). Tais categorizações apontam, para o Facebook, estratégias e características diversas que as duas iniciativas buscam construir pra si.

A partir de uma coleta das publicações das páginas no Facebook, consideramos apenas as publicações feitas pela própria página, excluindo as publicações feitas pelos usuários ou outras páginas na Linha do Tempo delas, tendo como limite a capacidade de coleta do Netvizz, no limite de 999 publicações. Sendo assim, selecionamos um mesmo recorte temporal, durante o qual as duas páginas estejam em atuação, coletando todas as publicações executadas ao longo de 2017, até o período da coleta, abrangendo os oito primeiros meses do ano. Com isso, alcançamos um total de 787 publicações nas duas páginas, das quais 726 foram feitas pela Caneta Desesquerdizadora e 61 pela Caneta Desmanipuladora, como apontado no gráfico 1 abaixo.

Após os levantamentos dos dados quantitativos a respeito das publicações das páginas, relativos ao volume de publicações de cada uma, a frequência de publicações e



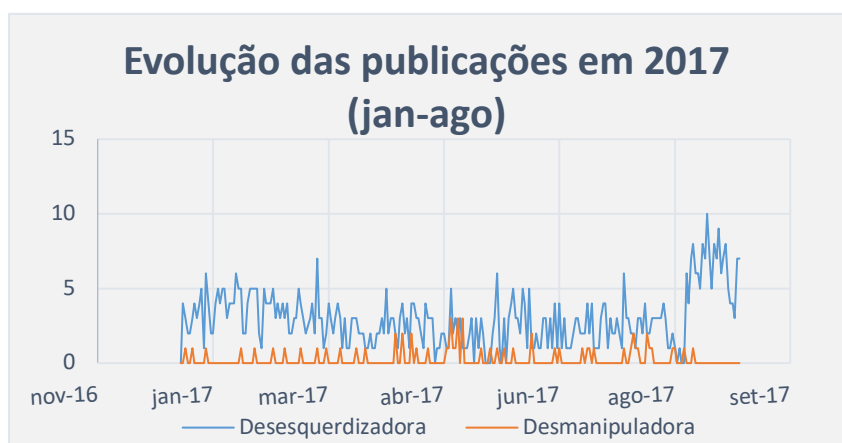
também com relação aos tipos de materiais publicados, observamos o conteúdo de todas as publicações. Por meio do mapeamento e da codificação das informações, realizadas com o auxílio do software Atlas.ti, avaliamos o conteúdo do total de postagens e evidenciamos publicações representativas das características gerais encontradas em nossas análises no presente artigo.



**Gráfico 1:** Total de publicações das canetas no período de janeiro a agosto de 2017  
Fonte: levantamento realizado pelos autores

A periodicidade e o tipo de publicações de cada uma das páginas já aponta para uma disparidade entre as postagens. O volume de publicações, por dia, bem como o tipo de material circulado é diferente. Enquanto a Caneta Desmanipuladora compartilha todos os seus conteúdos de forma mais esparsa, sem constância e no formato de imagem acompanhada de comentários, a outra tem uma média superior de publicações diárias.

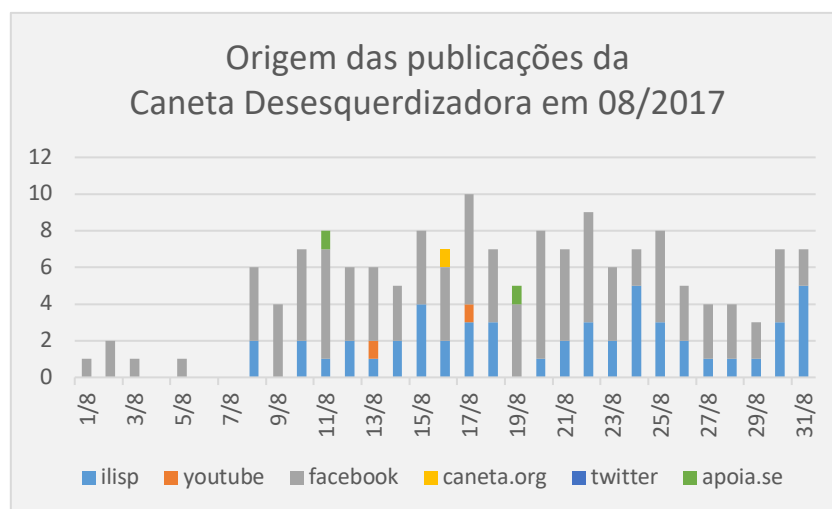
Também o formato e a origem das publicações da Caneta Desesquerdizadora se tornaram mais amplos a partir principalmente do mês de agosto abrangendo não somente imagens acompanhadas de comentários da página nas imagens e legendas das postagens, mas contendo ainda uma grande quantidade de links e, em menor grau, vídeos.



**Gráfico 2** evolução das publicações das duas páginas ao longo dos oito primeiros meses de 2017  
Fonte: levantamento realizado pelos autores

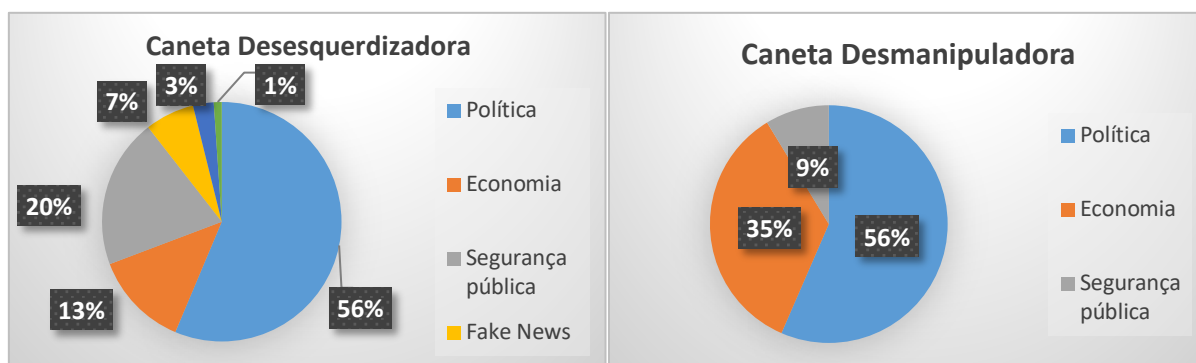
Os vídeos e os links publicados pela Caneta Desesquerdizadora a partir especialmente do dia 08 de agosto vêm do site do Instituto Liberal de São Paulo (ILISP), centro de discussões e defesa de teses neoliberais (GROS, 2004), como a defesa do livre mercado, da propriedade privada e da redução do papel do Estado na economia. A participação de conteúdos publicados também no site do ILISP ocorre junto com um aumento do volume de publicações da página, que vinha sendo reduzido. As publicações oriundas do site fazem menção a temas em debate no dia, mas normalmente não praticam a reescrita de trechos das reportagens, como nas demais postagens.

As publicações a partir deste tipo de conteúdo, fora dos padrões exibidos pela página até então, foram aumentando proporcionalmente ao longo do mês, muito embora o curto período entre o início desta mudança e a coleta de dados ainda não permita analisar se estes dados resultam em algum tipo de alteração consistente no tipo de crítica feita.



**Gráfico 3:** Origem das publicações da Caneta Desesquerdizadora ao longo do mês de agosto de 2017, quando publicações do ILISP passam a integrar este material mais constantemente  
Fonte: levantamento realizado pelos autores

As temáticas abordadas por ambas as páginas estão frequentemente na interface entre política e economia, bem como aspectos de violência urbana e ocorrências nas quais os próprios veículos de mídia, seus donos ou acionistas são pautas. De forma geral, percebemos uma predominância do cenário político partidário, o que recebeu influência das dinâmicas políticas de início de gestão nas prefeituras do país e da posse de Donald Trump como presidente nos Estados Unidos no começo do ano, bem como pelo próprio desenvolvimento da crise política nacional em 2017. Os temas abordados nas postagens estão apontados no gráfico 4, a seguir.



**Gráfico 4:** Principais temas abordados por cada uma das páginas ao longo do período analisado

Fonte: levantamento realizado pelos autores

A análise do conteúdo das publicações das duas páginas evidenciou grandes temáticas em comum, seguindo os fluxos de coberturas que os veículos de imprensa tradicional propõem. Coberturas com temas relacionados a política, economia e segurança pública são predominantes dentre os temas abordados por ambas as páginas.

### **Caneta Desesquerdizadora**

No caso da Caneta Desesquerdizadora, os começos de gestão de João Dória a frente da Prefeitura de São Paulo, de Donald Trump na Casa Branca, bem como os resultados dos eleitorais do ano anterior nos Estados Unidos e no Brasil são comuns, com leituras positivas de ambos os políticos. As abordagens seguem um padrão de buscar demonstrar uma desigualdade entre as coberturas sobre os conservadores para com seus antecessores, considerados liberais, nos dois casos. Há também publicações sobre economia, que oscilam ao longo do período coletado, mas estão presentes num contato muito frequente com informações políticas, com palavras de ordem como “privatiza tudo”, por exemplo.

Isto não implica, contudo, em um posicionamento partidarizado ou mesmo fiel aos políticos e partidos conservadores brasileiros. Mesmo em publicações que criticam a abordagem da gestão Dória<sup>7</sup> pela imprensa, por exemplo, a Caneta é capaz de tecer

<sup>7</sup> João Dória, prefeito da cidade de São Paulo, com gestão a partir de janeiro de 2017.

alguma crítica (normalmente menor) a ações de Dória. Outras publicações podem se voltar para a crítica mesmo de posicionamentos públicos de políticos conservadores como Jair Bolsonaro e seu filho Eduardo Bolsonaro, e tais críticas se voltam especialmente à conjuntura político-partidária brasileira, sempre tratada em termos pejorativos.

Há também muitos casos de violência urbana retratados nas páginas e, dentre as diferenças perceptíveis, talvez estas coberturas evidenciem a distinção mais gritante entre a Caneta Desesquerdizadora e a Desmanipuladora. O tratamento jornalístico de acusados de cometimento de crimes como suspeitos é constantemente apontado como posicionamento favorável do veículo a políticas de esquerda, de defesa de Direitos Humanos. Por isso, as “correções” proposta pela Caneta Desesquerdizadora vão no sentido de substituir tais termos por “bandidos”, “criminosos” e outros termos do mesmo tipo.



**Figura 1:** Publicação de 11 de abril, na qual a Caneta Desesquerdizadora destaca trechos do texto e corrigem outros FONTE: Captura de tela no Facebook.

As condicionantes textuais com relação ao caso são abordadas pela página como “eufemismos”, mesmo que a abordagem que trate todos os fatos e pessoas envolvidas como suspeitos até o fim das investigações e condenação dos processados tenha bases tanto jurídicas quanto deontológicas, no jornalismo. É também neste sentido que a Caneta Desesquerdizadora frequentemente tece elogios a veículos que inserem, em seus textos, os termos “ladrões” e “bandidos” quando da cobertura de casos de violência.

Para a página, a forma difusa de compreender as ações criminosas caracterizada pelo pensamento, atribuído à esquerda, geram uma culpa compartilhada por ações que são única e exclusivamente de responsabilidade dos indivíduos que as cometem. Neste sentido, ações de racismo, homofobia e xenofobia são vistas como atitudes de indivíduos radicais e não como algo ligado a uma estrutura, condição ou dinâmica social específica. Há que se destacar, entretanto, que quando são feitos comentários nas coberturas sobre temas como terrorismo, a Caneta aceita (e recomenda) a generalização oriunda da associação entre o islamismo e o terrorismo.

Uma diferença perceptível entre as duas páginas é a circulação frequente, na Caneta Desesquerdizadora, de conteúdos não noticiosos, ou aqueles que não se originam na imprensa. As críticas de mídia, desta forma, ultrapassam a dinâmica estrita do corpo do texto e busca compor uma leitura que compreende o contexto midiático de forma mais ampla. Críticas a artistas com posicionamentos políticos identificados com ideais de esquerda, bem como uma incoerência destes grupos quanto à diversidade de seus integrantes é alvo de frequentes observações.

O mais comum aqui, também, é que as imagens publicadas e os textos das publicações respeitem a uma lógica menos formal, com apelidos e críticas sarcásticas a atores políticos, veículos e jornalistas chegando, por vezes, a divulgar perfil de jornalistas ou especialistas convocados pelos veículos para abordar os temas em questão.

Essa exposição dos atores envolvidos nos conteúdos noticiosos por meio de uma ação direta da Caneta passa, por exemplo, pela descoberta das credenciais, por exemplo, dos jornalistas e especialistas convocados pelo jornalismo. Prática corrente e presente somente no conteúdo da Caneta Desesquerdizadora, dentre o período observado é a exposição de dados dos perfis pessoais de profissionais, em links ou imagens. As possíveis vinculações político-partidárias, assim, ficariam evidentes e demonstrariam um vício de origem na produção jornalística enviesada, como apontado na figura 2 abaixo. A própria Caneta Desesquerdizadora é personagem ativa de seus textos, sendo identificada como a figura responsável por avaliar e aplicar as correções sempre que necessário.



**Figura 2:** Caneta Desesquerdizadora busca questionar isenção do veículo e do especialista convocado, bem como apontar a falta de pluralidade na produção. FONTE: Captura de tela no Facebook.

Uma característica que aparece muito frequentemente nas duas páginas é o destaque que a captura da manchete/texto e a sua correção trazem um dano à imagem do jornal corrigido, perceptível em observações que evidenciam que a captura de tela feita pelas Canetas demonstra uma verdade que a atualização buscava esconder. O argumento caminha no sentido de demonstrar que, ainda que a manchete seja alterada posteriormente, o viés de leitura dos jornalistas e jornais já foi exposto. Assim, a correção seria vista como uma rendição à opinião compartilhada pela página e não uma prática orgânica do jornal.

### Caneta Desmanipuladora

A interface das ações políticas e econômicas do Poder Público na cobertura dos principais veículos de imprensa do Brasil também é a principal área de atuação da Caneta Desmanipuladora. Como suas publicações são menos frequentes, a tendência é de abordar temas mais amplos, com referencial temporal maior do que assuntos cotidianos. A reforma da previdência e a situação financeira do estado do Rio de Janeiro são exemplos de coberturas sobre as quais a Caneta Desmanipuladora se debruça.

Como apontado previamente, a manutenção para identificação do cabeçalho/título do veículo corrigido é item mantido nas publicações da Caneta Desmanipuladora. Assim busca-se identificar e corrigir especificamente aquele veículo naquela edição, implicando-o naquela aparente tomada de posição. Da mesma forma, as atualizações do conteúdo surgem como evidências de resultados dos tensionamentos diversos que podem ocorrer na imprensa, seja por uma má-repercussão junto ao público ou por ordens internas, surgidas de uma cadeia de comandos de interesses pouco evidentes.

Um exemplo muito evidente deste tipo de caso destacado pela Caneta Desmanipuladora é o caso da mudança da manchete no Estadão sobre um atropelamento em Florianópolis envolvendo o herdeiro da rede de mídia RBS, dona de emissoras de TV, rádio e jornais no sul do país, como demonstrado na Figura 3 abaixo.

A explicação que a página dá, ao abordar o caso de uma família que controle veículos de imprensa no sul do país é de contextualização de quem é a figura envolvida no caso. Eles buscam traçar um histórico de acusações criminais não apuradas e suspeitas de intimidação a jornalistas locais que divulgassem casos ligados à família de Sérgio Sirotsky. Desta forma, há uma inclusão da mudança da manchete do Estadão numa rede de influência de atores midiáticos diretamente interessadas nesta alteração.



Figura 3: publicação da página Caneta Desmanipuladora comparando as manchetes do Estadão acompanhada de texto explicando relações que extrapolam o texto ou o fato coberto.

Fonte: Captura de tela no Facebook

Os textos da Caneta Desmanipuladora são notadamente mais extensos do que as postagens da outra página, e neste caso tem mais de 3200 caracteres (ou 551 palavras).



O espaço é usado para contextualizar as condições da alteração do jornal e busca outras vozes que corroborem para a percepção da página. Há, neste caso, a retomada da opinião de colunistas de referência, como Elio Gaspari, sobre o personagem e implica a atitude do Estadão como uma forma de amenizar a abordagem do caso por interesses próprios.

A abordagem mais extensa e contextualizadora é algo que caracteriza e justifica, em alguma medida, as ações e medidas corretivas da página sobre o texto jornalístico. Um exemplo notável neste sentido ocorre quando a revista Exame coloca Mick Jagger na capa como exemplo de profissional sem aposentadoria. A vinculação, segundo a edição de 12 de janeiro de 2017 da revista, seria com o tema da reforma da Previdência no Brasil.

A página faz observações de assimetrias possíveis na comparação que a revista propõe, evoca dados de relações de renda e previdência em casos brasileiros específicos, marcando a diferença para com a proposta da revista. O que se procura é um desvelamento das intenções da revista por meio da articulação da angulação da pauta com o debate político e econômico em andamento. A Caneta propõe uma reflexão sobre possíveis interesses políticos e econômicos que a revista, segundo a sua linha editorial, possa ter na defesa de tal pauta.

Mesmo o fato de analisar somente a capa e não o conteúdo da reportagem como um todo também passa por argumentação da Caneta Desmanipuladora, tema que voltou a entrar em debate nos comentários da postagem. Ela defende que a crítica da capa da revista, e não ao conteúdo completo, se justifica pelo caráter público e documental que a própria capa tem, destacando também que a capa precisa sintetizar cortes e outras inserções textuais propostos pela edição.



Figura 4: Publicação de 12 de Janeiro com análise da capa da Revista Exame.  
Fonte: captura de tela do Facebook

O que se pode observar nas publicações da Caneta Desmanipuladora, é uma aplicação mais aprofundada de um tipo de argumentação em torno do seu ponto de vista, com textos mais extensos e mais formais do que os da outra página. O volume menor das postagens é balanceado, assim, por análises que apresentam diálogos mais detalhados e com argumentos menos estabelecidos com sua audiência. Isto é, se a Caneta Desesquerdizadora consegue publicar uma quantidade maior de conteúdos e produzir textos mais sintéticos, com argumentos diretos e muito presentes para seus leitores, a Desmanipuladora busca uma reflexão mais ampla do cenário para embasar suas opiniões.

Tais diferenças são vistas, portanto, nas formas de aplicação de correção de ambas as canetas nos textos, partindo da prática em comum de tachar o texto propondo termos substitutivos mais adequados ao cenário, de acordo com seu posicionamento político. A Caneta Desesquerdizadora, contudo, busca estabelecer um questionamento à legitimidade do produto jornalístico pela exposição dos posicionamentos pessoais dos jornalistas e especialistas convocados. Na Caneta Desmanipuladora, por outro lado, há a tendência a abordar a perspectiva textual de maneira mais detida, observando a atribuição de termos negativos ou positivos a atores específicos, as composições de páginas dos jornais e revistas ou incongruências menos evidentes. O apelo, neste caso, é para ocorrências menos evidentes, que denotam uma espécie de montagem estratégica não somente do texto jornalístico, mas de todo o seu conteúdo, de modo a vender (ou afirmar) uma ideia.

## Conclusão

Ao longo de todo o processo de coleta e avaliação do conteúdo publicado pelas páginas em análise no presente trabalho, buscamos compreender como este tipo de ação se configura enquanto forma de engajamento e questionamento do produto noticioso. Procuramos compreender, portanto, as práticas de correção e marcação do texto jornalístico como parte de um processo de disputa jornalística sobre a abordagem dos fatos e, de forma mais profunda, de disputa normativa sobre o próprio jornalismo.

Compreendemos o fenômeno a partir das suas características paratextuais, de inserção de textualidades outras ao produto jornalístico ao longo do processo de circulação, enquanto elemento para a composição deste texto. Tais agentes buscam realizar inscrições sobre o próprio texto, apontando erros e impondo questões sobre o grau de correção ou isenção jornalística. Os questionamentos vão, portanto, partir da forma do conteúdo noticioso para alcançar tanto uma esfera deontológica, sobre como o jornalismo deve ser feito, seus meios, quanto uma perspectiva teleológica, abordando finalidades e possíveis consequências estratégicas oriundas da ação jornalística criticada.

Neste sentido, se faz necessário apontar as contribuições acerca da percepção de mídia hostil. Apesar de não buscarmos estabelecer a preponderância de tal aspecto nas leituras propostas pelas páginas, ela nos fornece subsídios importantes a respeito destes processos de leitura de mídia. As práticas de correção desempenhadas pelas canetas corretoras, como observamos, partem de uma postura de acompanhamento, avaliação e crítica do conteúdo jornalístico, evidenciados por este tipo de percepção de hostilidade midiática a questões caras a determinados grupos. O que se pode apontar, a partir destes casos, é um tipo específico de agência destes grupos sobre os produtos dos veículos de mídia, independentemente de posicionamentos e ligações político partidárias existentes nos veículos de imprensa brasileiros.

Não buscamos aferir o tipo de posicionamento dos veículos ou a correspondência entre as críticas das páginas e a produção dos jornais em si. Mais do que saber se uma página ou outra tem razão em suas correções dos veículos, interessa perceber esta própria proposta de adequação do conteúdo, a entrada destes atores em uma disputa pelos sentidos do jornalismo nas arenas de discussão como redes sociais. Notamos que, além das distintas estratégias de relação com seus seguidores, quantidades de publicações e mesmo do uso de materiais externos àquelas críticas

produzidas pelas páginas aos veículos, há diferenças também em como essas críticas se estruturam.

Tais divergências têm desdobramento na forma de entrada de tais produtos nas discussões normativas sobre o jornalismo, na medida em que partem de premissas diversas e produzem tipos de argumentos e críticas diferentes. A Caneta Desesquerdizadora, por meio da seleção e intervenção dos temas que lhe interessam, propõe correções que são substituições com valências (morais, políticas ou econômicas) consideradas mais adequadas a sua perspectiva. As mais comuns, que geram um alto grau de engajamento do seu público, são da área de segurança pública, com substituições de termos como “suspeitos” ou “acusados” por “bandidos”, por exemplo.

A escolha da imprensa por tratar tais pessoas como acontece, portanto, decorreria de uma seleção de abordagens politicamente corretas, identificadas com a defesa do conjunto tido como básico à defesa dos Direitos Humanos. Tal perspectiva é questionada como posicionamento excessivamente liberal, de afronta a sua perspectiva conservadora de leitura dos fenômenos de segurança pública e violência urbana. Este choque normativo, no entanto, encontra um impasse claro na medida em que veículos e profissionais têm tradicionalmente se posicionado pela defesa dos Direitos Humanos.

O que a caneta Desesquerdizadora prega, portanto, é uma necessidade de rearranjo dos valores morais básicos do jornalismo. Por isso, a abordagem da Caneta Desesquerdizadora será necessariamente a partir de uma percepção forte de mídia hostil, na medida em que há um choque entre os valores morais que tradicionalmente orientam a postura pública dos deveres jornalísticos e a postura deste grupo. A disputa será por um rearranjo do jornalismo como um todo e não somente das publicações.

Do outro lado do espectro, as análises da Caneta Desmanipuladora praticam uma análise de tipo diferente, que também abordam os temas em política e economia, mas que avaliam mais detidamente o papel desempenhado pela própria imprensa nos processos de produção e circulação da informação. Com análises mais extensas, a Caneta Desmanipuladora passa a observar características dos veículos em si, de construção das páginas dos jornais, por exemplo, dos tempos verbais e ordenamentos frasais propostos pelos veículos.

A consequência mais imediata desta diferença será uma percepção diferente da mídia hostil nas duas páginas, na medida em que se analisa o alcance dos valores

jornalísticos por meio das práticas atuais, visíveis na produção. As práticas de correção não parecem visar, desta forma, um rearranjo dos deveres profissionais básicos, mas uma demonstração prática da incapacidade dos veículos de atingir tais valores devido a fatores diversos. Interesses políticos, empresariais e mesmo jornalísticos serão colocados como possíveis explicações para versões menos “manipuladas”, segundo a página. A hostilidade, assim, não viria do próprio jornalismo, mas dos veículos em questão.

Quando abordam o produto jornalístico de forma mais aprofundada, tomando a normatividade profissional consolidada como referência e pano de fundo de sua leitura, a Caneta Desmanipuladora dá um passo no sentido de construir argumentos diversos contra os veículos de imprensa. Aqui, a perspectiva da hostilidade midiática recebe um tipo de fundamentação que precisa ser respondido, pelos veículos, com aspectos da rotina de produção e não com os próprios princípios do jornalismo.

O tipo de engajamento que observamos é diferente, de modo que a disputa pelas formas de produção e circulação dos conteúdos informativos vão passar por compreensões diferentes a respeito da própria função do jornalismo. Enquanto uma perspectiva entende essa postura midiática como um afrontamento à sua própria leitura de mundo, a outra compreende que o parâmetro moral do jornalismo factual está sendo descumprido e sua entrada em jogo busca o cumprimento de tais normas.

## Referências

- BAILLY, M. A. **Abrégé du Dictionnaire Grec-Français**. Paris, Librairie Hachete, 1901.
- DALMONTE, Edson. Relações interdiscursivas: os paratextos como modo de existência dos textos contemporâneos. XII Congresso da Asociación Latinoamericana de Investigadores de las Ciencias de la Comunicación, **Anais**, 2014.
- \_\_\_\_\_. A esfera paratextual: o lugar do leitor-participante no webjornalismo. **Galáxia**, São Paulo, vol. 9, n. 18, p. 113-124. 2009. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2645/1685>>.
- DAVISON, William P. The Third-Person Effect in Communication. **Public Opinion Quarterly**, v. 47, n. 1, p. 1–15, jan. 1983.
- GENETTE, Gérard. **Seuils**. Paris: Éditions du Seuil, 1987
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestes: la littérature au second degré**. Paris: Éditions du Seuil, 1982
- GINER-SOROLA, Roger; CHAIKEN, S. The causes of hostile media judgments. **Journal of Experimental Social Psychology**, v. 30, p. 165–180, 1994.
- GOMES, Wilson. Por que a mídia é tão parcial e adversária da minha posição? A hipótese da

'hostile media perception'. **Revista Compólitica**, vol. 6(1), p. 7-29. 2016.

GOMES, W.; BARROS, S. Influência da mídia, distância moral e desacordos sociais: um teste do Efeito de Terceira Pessoa. In: FRANÇA, V. V.; ALDÉ, A.; RAMOS, M. C. (Eds.). **Teorias da comunicação no Brasil**. Salvador: Edufba, 2014. p. 245–266.

GROS, Denise. Institutos Liberais, neoliberalismo e Políticas Públicas na Nova República. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 19 n. 54, 2004. pp. 143–159

GUNTHER, A. C. Biased Press or Biased Public? Attitudes Toward Media Coverage of Social Groups. **Public Opinion Quarterly**, v. 56, n. 2, p. 147, jan. 1992.

HABERMAS, Jürgen. **Direito e democracia: entre facticidade e validade**. Vol. II, 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Spreadable media**. Creating value and meaning in a networked culture. New York University Press, 2013.

MANOVICH, Lev. **Software takes command**. New York: Continuum Publishing, 2013.

PERLOFF, Richard M. Ego-Involvement and the Third Person Effect of Televised News Coverage. **Communication Research**, v. 16, n. 2, p. 236–262, 1 abr. 1989.

QUEIROZ, Caio C. A hipótese de terceira pessoa: entre os blogueiros sujos e a imprensa tradicional. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, **Anais**, Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

VALLONE, R. P.; ROSS, L.; LEPPER, M. R. The hostile media phenomenon: Biased perception and perceptions of media bias in coverage of the Beirut massacre. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 49, n. 3, p. 577–85, set. 1985.